

## PROPRIEDADES DA EVIDÊNCIA, NARRATIVAS ORAIS E A ESCRITA DA HISTÓRIA: MEMÓRIAS SOBRE TRABALHADORES NA LUTA PELA TERRA<sup>1</sup>

*Vagner José Moreira<sup>2</sup>*

**RESUMO:** No artigo problematizo a fonte oral como material histórico relevante para explicação de processos históricos vividos pelos sujeitos sociais, cujo conhecimento histórico é construído a partir da mediação e problematização das propriedades específicas da narrativa oral. Na explicação histórica, tornaram-se relevantes a discussão do procedimento narrativo, do enredo e do ato interpretativo construídos pelos sujeitos com trajetórias dissidentes na luta pela terra em Fernandópolis, região Noroeste do estado de São Paulo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonte oral. Teoria da História. Movimentos sociais.

**ABSTRACT:** In the article I problematize the oral source as a historical material which is relevant to the explanation of historical processes experienced by social subjects, whose historical knowledge is built from the mediation and questioning of the

---

<sup>1</sup> Artigo parte de considerações do primeiro capítulo da tese: MOREIRA, V. J. *Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra*: Fernandópolis-SP, 1946-1964. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em História Social), Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Com a orientação do professor Dr. Paulo Roberto de Almeida.

<sup>2</sup> Professor da graduação e do mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Membro do Laboratório de Pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais” – LTMS/UNIOESTE. Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

specific properties of oral narrative. In historical explanation, it became relevant the discussion of narrative procedure, plot and act interpretative constructed by the subject with trajectories dissidents in the struggle for land in Fernandópolis, in the northwest of the state of São Paulo.

**KEYWORDS:** Oral source. Theory of history. Social movements.

Nas últimas décadas, o trabalho de investigação histórica foi redimensionado com o uso dos diversos materiais históricos, como linguagens.<sup>3</sup> A partir da perspectiva da tradição marxista inglesa, o tratamento dado aos documentos levou-nos a identificar e problematizar as propriedades das evidências,<sup>4</sup> específicas de cada fonte, cujo objetivo constitui-se na possibilidade de potencializar o tratamento dado às evidências e, assim, construir a interpretação histórica.

No Brasil, uma tradição historiográfica vem se firmando na reflexão das possibilidades metodológicas da história oral e do uso da fonte oral como documento no trabalho do historiador. Dentre as diversas propriedades específicas da fonte oral, temos problematizado, no exercício da explicação histórica, a memória, a oralidade e a subjetividade, atravessados pela perscrutação de atos interpretativos, enredos, tendências, procedimentos narrativos e simbólicos, entre outros.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>5</sup> Cf. KHOURY, Y. A. Apresentação. In: PORTELLI, A. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. \_\_\_\_\_. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. \_\_\_\_\_. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004. \_\_\_\_\_. Narrativas orais na investigação da História Social. *Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 79-103, jun, 2001. PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro: vol. 1, n. 2, 1996. \_\_\_\_\_. Forma e significado da representação histórica. A Batalha de Evarts e a Batalha de Crummies (Kentucky: 1931, 1941). *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 39, p.

A historiografia tem considerado os diversos materiais utilizados pelo historiador em seu ofício como portadores de narrativas históricas, compreendidas como práticas sociais que tencionam intervir na realidade, produzidas sempre em um determinado campo de forças, que expressam experiências, isto é, evidências do vivido e do trabalho da consciência de sujeitos diversos. Como afirma Yara Aun Khoury, “ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista”.<sup>6</sup>

As fontes com os quais o historiador lida em seu ofício expressam sempre evidências de experiências de sujeitos históricos inseridos em determinadas relações sociais. O material usado pelo historiador foi produzido em meio a tensões e contradições do vivido e em um tempo específico. No tempo presente, não é mais suficiente ao historiador, em suas pesquisas, privilegiar o “conteúdo” expresso nas fontes. Igualmente importante é o *como* esse “conteúdo” está denotado nas fontes. A crítica das fontes deve problematizar o processo de produção dos documentos (quem as produziu, onde e com quais interesses as produziu), bem como sua preservação e a inserção delas nas relações histórico-sociais. Assim, é possível romper com o uso corrente das fontes como mero depósito de dados objetivos, ilustração ou espelho fiel da realidade.

A formulação é significativa no contexto de uma tradição historiográfica que assume os desafios de lidar com as fontes como múltiplas linguagens produzidas no viver diário dos sujeitos históricos, mesmo a fonte oral, em que o pesquisador produz o

---

181-217, jul - dez, 2008. \_\_\_\_\_. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997. \_\_\_\_\_. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. \_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev,1997. \_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, Educ, n. 15, p. 13-49, abr, 1997. Os dossiês das revistas: *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 23, n. 42, p. 1-382, jan.jun, 2010. *Projeto História*, São Paulo, Educ, n. 22, p. 1-453, jun, 2001.

<sup>6</sup> KHOURY, Y. A., 2004, p. 125.

material na relação dialógica com os sujeitos, que narram suas memórias e histórias cotidianamente, não apenas ao historiador. É necessário afirmar que a produção do conhecimento histórico pelo historiador também produz memórias e histórias.<sup>7</sup>

No momento da produção das entrevistas, a versão dos acontecimentos do próprio historiador orienta a produção das narrativas orais para a pesquisa e denuncia a subjetividade da relação entre entrevistador e entrevistado.

Essas questões teórico-metodológicas emergiram a partir da experiência de pesquisa e na produção de entrevistas. As entrevistas com Anna Zendron Figueiredo, com a participação da sua filha Zenith Zendron Figueiredo, e com José Basílio são historicamente representativas e ricas nas possibilidades de reflexão teórico-metodológica dos procedimentos adotados pelo historiador para a explicação histórica. As entrevistas foram produzidas para a pesquisa sobre a disputa em torno da memória do movimento social de trabalhadores de 1949, em Fernandópolis, região Noroeste do estado de São Paulo.

A memória histórica desse movimento está em disputa, evidenciando as tensões vividas pelos diversos habitantes do campo e da cidade. A negação do direito à memória vem sempre acompanhada de implicações políticas, como o exercício do poder político e de domínio sobre os trabalhadores, no presente e no passado. As memórias daqueles que, no presente, dispõem-se a falar sobre esse passado, estão cheia de ambiguidades, permeadas por antagonismos, necessidades, interesses e expectativas diversas. Essa complexidade da realidade social vivida em Fernandópolis é compreendida na medida em que se problematiza a relação com os processos sociais de construção de memórias.

---

<sup>7</sup> ALMEIDA, P. R.; CALVO, C. R.; CARDOSO, H. H. P. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográficas. In: CARDOSO, H. H. P.; MACHADO, M. C. T. (Orgs.). *Histórias: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. Uberlândia: EDUFU, 2005. \_\_\_\_\_; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.) *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. FENELON, D. R. et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

A discussão sobre a memória efetiva e dominante – com seus silêncios e elaboração na imprensa, as memórias contidas nos documentos oficiais produzidos pelo DOPS, nos prontuários produzidos pelas delegacias de polícia, nos processos criminais e nas narrativas orais: evidências do processo histórico utilizados na pesquisa, insurgiu como problemática pois é premente a cogitação sobre os processos sociais de construção das memórias e suas significações. A partir desses materiais, é possível problematizar não apenas a memória hegemônica, mas também outras memórias, as memórias de oposição e alternativas dos trabalhadores.

Em Fernandópolis, as memórias sobre o movimento de 1949 expressam aspectos da luta de classes. São versões divididas e compartilhadas, apontando para tendências e projetos diversos para a cidade e para o campo. Parafraseando Edward P. Thompson, esse movimento de trabalhadores é mais uma das “causas perdidas”, dos “becos sem saída” dos trabalhadores, cujas memórias e histórias têm sido silenciadas e esquecidas, e “apenas os vitoriosos (no sentido daqueles cujas aspirações anteciparam a evolução posterior) são lembrados”.<sup>8</sup> A diversidade dos modos de vida e de luta de trabalhadores do campo e da cidade não tem se substanciado em memórias e histórias “dignas” de serem narradas; foram e são, portanto, silenciadas pela memória hegemônica.

A formulação sobre as contradições no processo histórico geral e, em particular, sobre os processos de construção de memórias que institui memórias e histórias sobre a cidade, e os trabalhadores e suas lutas fundamenta-se nas assertivas de Raymond Williams. Na perspectiva desse autor, os processos de construção e exercício de hegemonia estão sempre em relação com uma determinada “tradição seletiva”. A partir dessa relação é possível compreender o processo histórico real dos movimentos de trabalhadores e afirmar que, muitas vezes, eles adquirem um sentido de “oposição”. A partir das intenções sociais de classe

---

<sup>8</sup> THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. A árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1997, p. 13.

em manter a hegemonia, a “tradição seletiva” seleciona (entre as diversas experiências sociais, as práticas e seus significados) a “tradição”, “o passado importante” e as memórias de um processo histórico determinado que serão enfatizadas e ou negligenciadas. É um mecanismo que seleciona o que lembrar e como lembrar o presente e o passado, ante um campo de possibilidades, tendo como objetivo a definição de um conjunto de práticas, significados e valores hegemônicos; uma forma de lembrar única, efetiva e dominante.<sup>9</sup>

Na formulação de Yara Maria Aun Khoury, em diálogo com as elaborações de Alessandro Portelli e do Grupo Memória Popular (Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham, Inglaterra), perscruta-se sobre os modos pelos quais são produzidos os sentidos do passado:

Nosso compromisso de inventariar as diferenças e de perceber tendências que tencionam na dinâmica social passa, também, por compreender **processos sociais de construção de memórias**. Essa tarefa implica explorar esses processos em suas significações, atentos às relações imbricadas por meio das quais se engendram; passa pela observação de modos como instituições se atualizam e realimentam seu poder, recorrendo também a discursos e práticas simbólicas. Focando forças hegemônicas, ou outras mais subalternas e obscuras, vamos ensaiando explicações relacionadas dos fatos e significações em processos históricos específicos, destacando não só realidades mais visíveis, como as mais sutis, costumeiras e simbólicas. **O esforço é de compreender como as pessoas se apropriam e usam o passado, no campo complexo das disputas dentro das quais se constituem.**<sup>10</sup>

Essa formulação atravessou o processo de investigação como uma problemática. Nesse sentido, a memória é colocada

---

<sup>9</sup> WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. In: WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo*. São Paulo: UNESP, 2011, p. 43-68.

<sup>10</sup> KHOURY, Y. A., 2004. p. 132-133. (Grifo nosso).

num campo de tensão, contradição e disputa. Outras memórias, as memórias dos trabalhadores, tencionam por outras histórias sobre a cidade e sobre suas experiências de classe.

Anna Zendron foi esposa de José Antônio Figueiredo, o Zé Cearense, que atuou como vereador, liderança junto aos trabalhadores rurais da região. Por muito tempo assumiu-se politicamente como comunista.<sup>11</sup>

Embora eu tenha feito menção ao movimento social de 1949 quando agendei a entrevista com Anna Zendron, iniciei o diálogo com perguntas cujos enunciados almejavam respostas sobre as condições de vida ou necessidades vividas pelos trabalhadores no campo e na cidade, as pressões para os movimentos dos trabalhadores e para a “revolução agrária” – categoria histórica inúmeras vezes referenciada no inquérito policial e processo criminal instaurados para apurar o caso do levante comunista de junho de 1949. Talvez, nesse momento da pesquisa, eu estivesse muito influenciado pela leitura do referido processo criminal.<sup>12</sup>

Ana Zendron descreve a dificuldade por ela encontrada em sua mudança para a cidade, principalmente com relação à moradia, às condições das ruas, à falta de escolas e a demais situações experimentadas na cidade, utilizando como contraponto a idealização da cidade em que residia antes, Itápolis. Suas respostas não continham o conteúdo esperado, naquele momento. Mesmo assim, Anna Zendron, ao narrar sobre como viviam e o que faziam logo que se deslocaram para Fernandópolis, afirmou:

Anna Zendron: Formemo fazenda lá em Itápolis. Então, a gente quando veio trouxe alguma coisinha. Quando veio pra cá já veio por causa disso mesmo. Porque disse que tava abrindo aqui [...] [trecho

---

<sup>11</sup> MOREIRA, V. J, 2009, *passim*.

<sup>12</sup> Cf. PROCESSO CRIME, n. 140, de 23 de agosto de 1949, Comarca de Votuporanga-SP, 1949. O referido processo criminal foi discutido no segundo capítulo da tese e uma versão desse capítulo foi publicada em: MOREIRA, V. J. A criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores: o “levante comunista” de Fernandópolis-SP, 1949. In: BOSI, A. P.; VARUSSA, R. J. (Orgs.). *Trabalho e trabalhadores na contemporaneidade: diálogos historiográficos*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

da entrevista de impossível transcrição] era uma loucura. Tinha uns camaradas dele que trabalhava nisso. Tinha serrote, tinha muita coisa, então. Ele veio pra cá e foi trabalhá nesse sertão. Então, fazenda o, era mata, derrubada. Eu mesmo cozinhei muito... Eu sei que... Eu falo sempre, que eu não tive escola, não tivi pai, não tivi mãe. A mãe não conheci, o pai morreu eu era pequeninha, fui criada pela casa dos zoutro, depois crescendo e trabalhando. Já pequena fazia serviço, varria quintal, tratava de galinha, ajudava limpá a casa. Fui crescendo assim. Nem escola me deram, nem nada. Fui criada assim, sem pai, sem mãe. Não conheci mãe, meu pai também morreu logo. A gente foi criada assim.

Então, até esse marido meu, ele veio do Ceará, veio pra cá. Ele pegava fazenda pra derrubá mato, pra abri fazenda assim, sabe?<sup>13</sup>

Em sua narrativa, Anna Zendron Figueiredo se descreve como uma trabalhadora desde criança. Angustia-se muito ppela perda do o pai e da mãe ainda muito nova, pois, do contrário, o futuro poderia ter sido outro, poderia ter estudado – essas são expectativas que orientam a perspectiva do ato interpretativo. Junto com José Antônio Figueiredo “abria fazenda” derrubando a mata para formar pasto para o gado. Depois de derrubada a mata, geralmente, preparava a terra para a roça e plantava por três anos antes do plantio do capim. Na divisão do trabalho, cabia à Anna Zendron o trabalho na cozinha, o preparo dos alimentos, não apenas para a família, mas também para os demais trabalhadores que prestavam serviço a Zé Cearense.

Em pequenos trechos ou frases curtas da narrativa é possível problematizar as condições vividas pelos trabalhadores. É significativo o fato de Anna Zendron qualificar Fernandópolis como “sertão”. Assim, viver e trabalhar no “sertão” não era fácil – “era uma loucura”. O sentido dos adjetivos “sertão” e “loucura” dimensionam os significados atribuídos ao trabalho de formação das fazendas – uma vida de trabalho não apenas de privação, mas de trabalho custoso, penoso e pesado. Nas entrevistas, os

---

<sup>13</sup> Anna Zendron Figueiredo. Entrevista realizada pelo autor com Ana Zendron Figueiredo e Zenith Figueiredo, em 04/09/2006. Ver observações.



sujeitos utilizam um repertório de categorias que foram elaborados e utilizados em outros contextos e com outros sentidos. A noção “sertão” está impregnada de sentidos construídos pela narrativa do “progresso” e do “desbravamento do sertão” pelos “pioneiros”. A memória mitológica e hegemônica proclamada na imprensa local e em diversas narrativas orais produzidas para o livro sobre a “história da cidade”.<sup>14</sup>

A narrativa de Anna Zendron desenvolveu-se a partir de um determinado tema por ela escolhido para a entrevista concedida a mim, o pesquisador. No enredo – fato apenas percebido depois de prestar atenção nas intervenções de sua filha Zenith durante a entrevista – percebe-se o quanto mãe e filha esforçaram-se para construir a imagem de “homem caridoso” para José Antônio Figueiredo:

Vagner: A senhora estava falando que o marido da senhora foi perseguido.

Anna Zendron: Foi perseguido, preso dois anos, por causa do Partido Comunista. (Silêncio)

Vagner: Como é que foi essa história?

Anna Zendron: Olha, pra falá a verdade pro senhor, ele não podia pendê pro lado das pessoas humilde, não podia pendê. E ele tinha muita dó. E ele defendeu esses, aonde que ele, por causa disso daí caiu em contradição, foi preso também, por causa disso daí. Mas não que ele quisesse outra coisa, tirasse alguma coisa dos outros, nem nada disso, não tinha nada disso. Ele queria era ajudá os outros, falando pros próprio dono da terra “cêis não vão plantá, a terra tá í. Eles planta e na colheita cêis pega a parte de vocês e eles pega a parte deles.” E eles então acharam que meu marido tava envolvido também e não tava. Ele tava, ele era muito caridoso, ele loteou isso aqui, essa chácara aqui, ele loteou e deu tanto lote pra viúva...

Vagner: Mas aí a senhora falou que ele era do Partido Comunista?

Anna Zendron: Ele tinha sido sim do partido, porque era uma

---

<sup>14</sup> PESSOTA, A. J. et al. *Fernandópolis: nossa história, nossa gente*. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

pessoa, era assim, sabe? Era porque os pobres não tinham aonde cair morto e as pessoas com uma fazendona, com terra, não podia dar um pedacinho pra aquele plantá? E ele então si doeu, vou te contar, ele mesmo, ele mesmo falou assim: “Olha, a gente, nós somo tudo irmão, fio de um pai só, se eu tenho um pouco mais”, por que ele foi muito caridoso, ele loteou isso aqui, ele ficou com isso aqui e doou lote aqui pra viúva. “Aí seu Zé, o senhor me vende e aí vou pagando aos pouquinhos.” “Não, muito obrigado.” Já sabia tudo da vida dela como é que era, se era gente que merecia, essas coisas assim, né. Gente dentro da moral, né. E ele deu muito lote aqui pra viúva. Até a mulher faleceu há pouco tempo, se essa mulher fosse viva ela ia se testemunha. Ela falou: “Seu José foi um homem muito bom pros pobre”. Ele tinha dó, né. E ele loteou isso daqui e deu lote pra muita gente, viúva, pessoa que tinha o marido já.<sup>15</sup>

O silêncio, os diálogos construídos entre diversos sujeitos e os demais procedimentos narrativos utilizados, “pra falá a verdade pro senhor”, corroboram a perspectiva construída na narrativa e, entre outras coisas, indica a representatividade e a autoridade da narrativa.<sup>16</sup> A versão para o movimento dos trabalhadores de 1949 e a participação de Zé Cearense no movimento foi sendo delineada. Para Anna Zendron, Zé Cearense foi preso e torturado injustamente, pois ele não estava envolvido nas acusações e, além disso, era um homem “muito caridoso”.

José Antônio Figueiredo estava envolvido no movimento dos trabalhadores de 23 para 24 de junho de 1949, participando de várias atividades, e em outros movimentos de trabalhadores na luta por direitos trabalhistas e nas luta por melhores preços para os produtos agrícolas, durante a década de 1950.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Anna Zendron Figueiredo. Entrevista realizada pelo autor com Ana Zendron Figueiredo e Zenith Figueiredo, em 04/09/2006. Ver observações.

<sup>16</sup> Cf. PORTELLI, A. 2004.

<sup>17</sup> De acordo com o Relatório Policial assinado pelo Delegado de polícia Júlio de Andrade, em Votuporanga, no dia 24 de fevereiro de 1951, Zé Cearense fora preso em Três Fronteiras porque distribuía panfletos “subversivos” e fazia “propaganda comunista”. Prontuário 73.252 – José Antônio Figueiredo.

Anna Zendron identifica os principais problemas vividos pelos trabalhadores na região de Fernandópolis ao circunstanciar os arrendamentos, o pagamento da renda pelos arrendatários e os despejos. Todavia, a subjetividade denotada na narrativa está relacionada muito mais aos sentidos que Anna Zendron atribui àquele processo histórico do que ao “estado de ânimo” de Zé Cearense.

Na versão de Anna Zendron, a partir da memória de um possível diálogo entre Zé Cearense e proprietários de terras, “cêis não vão plantá, a terra tá í. Eles planta e na colheita cêis pega a parte de vocês e eles pega a parte deles”, têm-se a proposição de ampliar a área de arrendamento aos trabalhadores. Desse trecho da narrativa emergem evidências de alguns dos problemas vividos pelos trabalhadores do campo: os proprietários de terras não estavam mais dispostos a arrendar as terras aos trabalhadores; os trabalhadores não estavam satisfeitos com o pagamento da renda da terra; os trabalhadores começaram a vislumbrar o não pagamento da renda da terra como uma possibilidade, ou ainda, começaram a planejar a luta pela terra como resolução para os problemas vividos, como é o caso do trabalhador rural implicado no movimento de 1949, Alvino Silva, que foi preso e fichado no DOPS<sup>18</sup> por “fazer campanha” pelo não pagamento da renda aos fazendeiros. Diante de todas essas problemáticas, a subjetividade de Anna Zendron e os significados que atribuiu à questão agrária e às diversas propostas em disputa estruturam a sua narrativa.

Para Anna Zendron, Zé Cearense “caiu em contradição” e os valores cristãos de um “homem caridoso” foram ignorados em alguns momentos de sua trajetória de vida. Essa formulação em sua narrativa demonstra a sua perspectiva da validação das práticas de luta daquele período; a memória de um ato interpretativo emerge muito mais do que o ponto de vista de Zé Cearense.

Nesse tempo, a família já morava na cidade e Zé Cearense

---

DEOPS/SP, SAESP. Para os diversos movimentos sociais de trabalhadores em Fernandópolis no período de 1946 a 1964, Cf. MOREIRA, V. J., op. cit.

<sup>18</sup> Prontuário 91.037 – Alvino Silva. DEOPS/SP, SAESP.

trabalhava como corretor de imóveis. Certamente, Zé Cearense – no trabalho de mediação junto aos demais trabalhadores e a partir de suas vivências enquanto formador de muitas fazendas e que, talvez, também vislumbrasse retornar ao trabalho na terra em outras circunstâncias, não mais como aquele que abria e formava as fazendas para os outros – concluiu que não estavam conseguindo convencer os proprietários de terra a ceder suas terras aos trabalhadores para o plantio a um pagamento justo pela renda da terra. É provável que muitos trabalhadores que passaram a organizar e participar de movimentos sociais de luta por direitos trabalhistas em associações profissionais, em “ligas camponesas”, contra a exploração da renda da terra e pela reforma agrária, compartilhavam da perspectiva de Zé Cearense.

O enredo construído por Anna Zendron para a entrevista é familiar. Zenith esteve sempre presente durante a entrevista de sua mãe, ausentando-se uma vez ou outra. Em alguns momentos da entrevista Anna Zendron parecia solicitar, com o olhar, a aprovação da filha em relação à sua narrativa. Em um momento significativo da entrevista, quando a mãe afirmava a necessidade da “divisão da terra” para os trabalhadores poderem plantar, Zenith se expressa da seguinte forma: “Nossa mãe!” Ao que a mãe em seguida diz: “É verdade!” Isso aponta que Anna Zendron também “caiu em contradição” e defendeu a reforma agrária!

Sobre o enredo familiar da entrevista, é significativa o trecho da narrativa de Zenith no momento em que a entrevista se encaminhava para o final:

Zenith: O pessoal mais, assim, quando chegaram pra cá, assim, isso quando meu pai comentava com a gente, porque meu pai era assim culto, não era estudado, não tinha diploma, mas muito, era culto, muito inteligente. Modesta parte, é chato falar, mas eu tenho que falar uma coisa verdade. [...] Só que eu acho assim, sabe, apesar de que, meu pai foi um cidadão, que fez muito por Fernandópolis, mas infelizmente, eu até gosto mesmo, porque eu gosto de falar a verdade, porque está sendo gravado, até gostaria mesmo que um dia chegasse a esse ponto de eu falar. Mas ele não é muito bem reconhecido.

Anna Zendron: Não.

Zenith: Não.

Vagner: Por quê?

Anna Zendron: Ele foi muito caridoso com a pobreza.

Zenith: Olha, pelo seguinte, a gente faz o bem sem olhar a quem... (silêncio e choro).

Anna Zendron: Ela lembra de tudo, ela sofreu....

Zenith: Mas olha, eu fico sentida porque não tem uma escola com o nome dele.

Anna Zendron: No nome dele. E ele entrou na escola pra dar exemplo pra gente entrá...

Zenith: Não tem uma creche no nome dele. E ele foi um homem que ajudou muito. O pessoal antigo pode falar o que eu estou falando se é verdade ou mentira. [...]. Reconhecimento da, assim, do pessoal da política, entendeu? Tem o nome dele lá numa rua, mas é lá perto da Brasilândia. Não que isso vá me menosprezar, mas poxa ele foi um homem caridoso, sinceramente... têm cidadãos caridosos [...]. Se fez, fez igual. [...]. Tem os nomes aí e meu pai é esquecido. Inclusive, fiquei sabendo também, eu tenho amigas professoras, que quando saiu o livro, que até dona Rosinha comandou nesse livro, né. Então, teve gente que não queria que colocasse o nome do meu pai e essas pessoas não mentem para mim, não vieram com fofoca. Diz até que defendeu, né. Falou: “Como, um homem tão caridoso desse!?” Então, eu até teria vontade de fazer um artigo, falar na rádio, mas eu falei: “vou deixar pra lá, que manda os méritos são os espirituais e não os materiais”. E eu tenho certeza que ele está muito bem na parte espiritual.<sup>19</sup>

A entrevista, para os sujeitos entrevistados, apresenta-se como um evento histórico em suas vidas. Para muitos, é a única entrevista concedida em toda a sua vida. Assim, a entrevista constitui em fato relevante na trajetória do entrevistado. A entrevista é momento em que o entrevistado pode expressar a sua versão dos fatos, uma forma do narrador controlar o tempo

---

<sup>19</sup> Zenith Figueiredo. Entrevista realizada pelo autor com Ana Zendron Figueiredo e Zenith Figueiredo, em 04/09/2006. Ver observações.

e resistir ao esquecimento.<sup>20</sup> A entrevista de Anna Zendron e a participação de Zenith têm esses significados.<sup>21</sup>

Ambas entrevistadas caíram nas armadilhas da memória hegemônica e reivindicam um “lugar melhor” para José Antônio Figueiredo na “geografia” e no “mapa” da “memória da cidade”.<sup>22</sup> Todavia, a memória efetiva e dominante seleciona o que lembrar e como lembrar, permeadas por intenções sociais de classe.<sup>23</sup> Os movimentos sociais de trabalhadores e os sujeitos de trajetórias de vida dissidentes, quando aludidos, são sempre descontextualizados e naturalizados. Os relatos ou as narrativas produzidas e disseminadas no social são despolitizados para não comprometer relações de poder hegemônicas. Os movimentos sociais dos trabalhadores, com seus sujeitos históricos e suas

---

<sup>20</sup> PORTELLI, A, 2004.

<sup>21</sup> Cf. COSTA, R. M. S.; MALACRIDA, P. M.; SUGAHARA, A. M. A. Semente comunista em solo conservador. In: PESSOTA, A. J. et al. *Fernandópolis: nossa história, nossa gente*. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996, p. 280-310. As autoras do artigo, ao entrevistar Luiza Silva dos Santos, esposa de Antônio Alves dos Santos (Antônio Joaquim), em 23/07/1996, foram questionadas pela entrevistada: “Então com esse trabalho de vocês, vocês vão conseguir por qualquer uma praça, uma rua, com o nome do meu marido?” O áudio dessa entrevista está ruim, prejudicando a problematização da entrevista como um todo. As autoras privilegiaram como questões a trajetória de militância política de Antônio Joaquim no PCB, o levante de 1949, a vida de dona Luiza no período em que Antônio Joaquim viveu na clandestinidade. Dona Luiza enfatiza que Antônio Joaquim lutou na “Revolução de 1932” ao lado de Getúlio Vargas, sendo comandante militar no Porto de Brejaúva. De acordo com dona Luiza, parte do período em que esteve na clandestinidade, durante a década de 1950 e início da década seguinte, Antônio Joaquim viveu em Goiás e chegou ir para o campo se reunir com trabalhadores rurais, seguindo “a ordem do Partido”. Ao narrar sobre o que Antônio Joaquim discutia nas reuniões, dona Luiza afirmou: “a reunião dele, fazia os esclarecimento que ele tinha que fazer, fazia, dava aquela demonstração para aquele pessoal que eles precisavam lutar, trabalhar para cada um podê possuí seu pedacinho de chão, para podê mora em cima, para não andar mais com a trouxa nas costas. A luta nossa foi grande, mas muita coisa a gente esquece.”

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 287-291. No artigo foi privilegiada a militância política e a tortura sofrida por José Antônio Figueiredo, para isso as autoras usaram como referência a entrevista com Pe. José Jansen, um dos padres do período.

<sup>23</sup> Cf. WILLIAMS, R. 2011.

diversas práticas sociais, quando são referenciados nos textos da “narratologia burguesa”<sup>24</sup> os são a partir dessa perspectiva de cima para baixo.

Em circunstância parecida, Alistair Thomson afirma que “em vez de supor que as vidas e as memórias da classe trabalhadora, necessariamente, iriam desmascarar as poderosas memórias nacionais, comecei a perceber as contradições das vidas que se apresentavam a favor e contra as formações culturais dominantes.”<sup>25</sup> Anna Zendron e Zenith parecem ter consciência desse processo ao construírem a imagem de “homem caridoso” para José Antônio Figueiredo.

Anna Zendron nutriu ressentimentos para com o Partido Comunista e para com os demais “camaradas” do partido. Identifiquei esses sentimentos nos diversos silêncios durante decorrer de sua entrevista, quando se referiu ao partido e às diversas vezes que Zé Cearense foi preso. Em um trecho específico narra:

Anna Zendron: Os outros que levaram e eles... Meu marido mesmo ficou preso dois anos e não é porque fez coisa errada, não. Não foi não. Eu perguntei pra polícia, como é que chama aquela polícia? Eu esqueço o nome...

Vagner: Não é o DOPS?

Anna Zendron: É do DOPS. Até falava assim pro José: “Tá vendo, Zé? Os zoutros pega a panela põe no fogo e começa a mexê o anгу, cai fora, deixa vocês. Vocês ficam caído aí e eles ficam caído fora.”<sup>26</sup>

No segundo trecho da narrativa, Anna Zendron busca reproduzir um diálogo com o marido e pontua o ritmo da fala batendo a mão – gesto expressivo de um sentimento

---

<sup>24</sup> FONTANA, J. *A história dos homens*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 483.

<sup>25</sup> THOMSON, A. Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do Exército Nacional. *Projeto História*, São Paulo, n. 16, p. 277-296, Educ, fev. 1998, p. 283.

<sup>26</sup> Anna Zendron Figueiredo. Entrevista realizada pelo autor com Ana Zendron Figueiredo e Zenith Figueiredo, em 04/09/2006. Ver observações.

ainda presente. Novamente a construção da narrativa adota determinados procedimentos para sustentar o estatuto da verdade histórica expresso na entrevista. O trecho da narrativa é significativo não apenas pela subjetividade denotada, mas, sobretudo, pela construção textual da frase ao remeter para imagens e relações vividas no cotidiano.

Anna Zendron, na totalidade de sua narrativa, fez questão de ressaltar que sempre foi trabalhadora e com o trabalho de cozinheira sustentou a família no trabalho de formação de fazendas. A imagem “põe a panela no fogo e começa a mexer o angu, cai fora, deixa vocês” foi construída a partir de sua vivência enquanto cozinheira, representativa dos significados compartilhados socialmente. Para o angu ser preparado e cozido, não basta ralar o milho verde, coá-lo para retirar o bagaço do milho e levá-lo ao fogo com o tempero a gosto. É necessário mexer o angu no fogo quente durante todo o tempo de cozimento (correndo-se o risco de levar algum respingo quente nas mãos) – lembrando que, certamente, o angu era cozido em fogão a lenha. Essa parte da preparação do angu é a mais difícil e é aquela em que a cozinheira passa o serviço para outra pessoa. O angu de milho verde, principalmente acompanhado de galinha caipira ao molho, é uma comida muito apreciada na região. O sentido popular para o vocábulo “angu” (“confusão”, “complicação”, “intriga”, “angu-de-carço”) corrobora a imagem construída. A imagem, de fácil compreensão popular, expressa de modo singular o ponto de vista de Anna Zendron sobre como alguns trabalhadores avaliavam, no seu cotidiano, determinadas propostas que vinham de escalões superiores (PCB) e prontas para eles executarem. A narradora avalia como inoportunas as propostas de ocupação e tomada da cidade – isso certamente a partir das circunstâncias vividas por ela e sua família durante as diversas prisões e todo o tempo que José Antônio Figueiredo ficou preso.

A produção da entrevista com Anna Zendron foi motivada por ser esposa do militante comunista Zé Cearense e vivenciado o contexto do movimento social de trabalhadores de junho de 1949, assim problematizar o processo histórico e social de construção da memória do levante comunista. No entanto, preso



às questões relativas às condições de vida dos trabalhadores, apenas depois de mais de 10 minutos de entrevista elaborei o seguinte questionamento a Anna Zendron:

Vagner: Então, porque teve depois aquele movimento de revolução agrária, a impressão que dá que para as pessoas lutarem por terra é porque estavam precisando.

Anna Zendron: É isso daí eu não tô lembrada, não.

Vagner: Não?

Anna Zendron: Negócio de terra, como é que fala, que ele falou? [Olhando para sua filha].

Vagner: Revolução agrária?

Anna Zendron: Revolução. Não me lembro desse caso assim. Desse eu não lembro. Porque seu pai ele conversava muito, mas isso daí ele não...

Vagner: Não? Porque ocorreu aquele levante em 49, né? O levante lá que tem o seu Antônio Joaquim.

Anna Zendron: Ah bom!

Vagner: Então, por que lá eles falavam de revolução agrária? A impressão que dava é que havia uma necessidade.

Anna Zendron: É o Partido Comunista. E eles queriam que quem tinha mais repartisse pros lavrador.

Zenith: É isso aí que ele quer saber.

Anna Zendron: É, teve isso mesmo. Teve. Inclusive meu marido também tinha simpatia por isso.

Vagner: Então, as pessoas precisavam, tinha necessidade, como era a vida dessas pessoas?

Anna Zendron: Tinha. Eram gente pobre demais, então o José e uma turma aí foi e falou: "Olha, vamos fazê isso. Quem não pode comprá um lote inteiro compra meio lote. Quem não pode comprá uma parte que dá pra plantá e colhê, compra menos, pra pode ajuda todo mundo." Então, a dificuldade era a situação financeira. Esse que foi mais difícil. Então foi aonde que às vezes, houve, tinha gente que tinha e alguns que queria terra, pega terra, sabe? Pega a vontade sem, mas [...] [nesse momento utiliza um termo indecifrável] um contratempo aí que num pediu, né, pra fazer isso.

Vagner: Como assim?

Anna Zendron: Assim, eu diria pessoas pobres que queria tentá, mas quem tinha terra não queria dá terra. E ele não podia, por exemplo, que jeito ele ia tentá [apertá]? Eles queria terra, ele plantava, e dava terra, uma parte, conforme a colheita, dava uma parte mais um. Acho que não tinham. Sei lá que jeito [...] tudo isso aí ó. Tem muita coisinha desse jeito que num, as pessoas, coitada, às vezes não tinham condições de vir pra cá. Sertão do sertão, eles achavam que vinham pro sertão e que as terras tava à vontade. Às vezes pensava isso, não é verdade? Então, aonde que, às vezes eu... Meu marido ajeitou até muitos, muitos que tinham sítio, tinha chácara, que tinha terreno que dava pra plantá: “Cede um pedaço aí pra ele, na hora que ele colhê, o cê conversa com ele, passa um papel aí assina, ele assina pra você. E você dá a terra. Você vai plantá nessa terra?” “Não.” “Então, dá a terra pra ele plantá, ele colhe e você terá sua parte.” Porque, de fato, sabe, pra cá, quando iniciou isso daqui, vem mais gente pobre mesmo, pra cá.<sup>27</sup>

Como se pôde perceber, eu também caí em uma armadilha. A noção “revolução agrária”, amplamente utilizada no inquérito policial e no processo criminal instaurado para criminalizar os trabalhadores implicados no movimento de junho de 1949, constituía-se num termo para o proselitismo político do PCB – veja-se “*Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista*”<sup>28</sup> – e artifício utilizado pelos delegados do DOPS ao politizar, descomedidamente, a luta dos trabalhadores e enquadrá-la no contexto da Guerra Fria. A noção “revolução agrária” provavelmente não era utilizada pelos trabalhadores para descrever os movimentos que se sentiam motivados a organizar e participar.

Por outro lado, o trecho da narrativa de Anna Zendron corrobora a versão do movimento como “levante comunista” organizado pelo Partido Comunista, quando enfatiza a questão agrária,

---

<sup>27</sup> Anna Zendron Figueiredo. Entrevista realizada pelo autor com Ana Zendron Figueiredo e Zenith Figueiredo, em 04/09/2006. Ver observações.

<sup>28</sup> PRESTES, L. C. Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista. *Problemas*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 18-42, abr. 1948.

principalmente os problemas relacionados aos trabalhadores arrendatários de terra para o plantio e a mediação de Zé Cearense e de outros sujeitos na resolução desses problemas.

Na narrativa de Anna Zendron parece que os trabalhadores estavam encontrando dificuldades para o arrendamento de terras para plantar e morar ante outro projeto em elaboração para o campo naquele momento – certamente vinculado à formação de fazendas para a pecuária. Uma vez formado o pasto, não eram mais necessários tantos trabalhadores arrendatários de terra. Talvez tenha sido essa razão que levou a família de Zé Cearense a deslocar-se do campo para a cidade.

Utilizando a imagem “sertão do sertão” como uma região desabitada e de floresta para referir-se a Fernandópolis, Anna Zendron acrescenta outra imagem significativa: os trabalhadores vinham para a região de Fernandópolis com expectativas referentes à imagem de que “as terras tava à vontade”. Ou ainda, em uma “região de fronteira”, que estava começando, poderia ser mais fácil conseguir um pedaço de terra e construir a vida. Contudo, parece que o problema também era “financeiro”. A terra não estava “à vontade” para ser apropriada e posseado, imagem que remete aos tempos imemoriais e à ideia de que ainda era possível ser posseiro e ocupar as terras devolutas. Contudo, no tempo vivido pelos trabalhadores em Fernandópolis, a terra já se constituía em propriedade privada – em mercadoria, que, para ter-lhe acesso, era necessário comprá-la. Como afirmou Anna Zendron, esses trabalhadores eram “pessoas pobres”, proletários sem terra que viviam do salário.

A relação entre a luta dos trabalhadores sem-terra pela reforma agrária nas últimas décadas e a luta dos trabalhadores no período de 1946-1964 em Fernandópolis – associando essas lutas à questão agrária como pressões para os movimentos dos trabalhadores – não marcou a narrativas orais de todos os entrevistados.

É o caso do senhor José Basílio. Esse senhor era um jovem de 20 anos em 1949 e foi compelido pelos trabalhadores, na manhã do dia 24 de junho de 1949, a dirigir um caminhão de Guarani D'Oeste para Indianópolis (atual Indiaporã), divisa do

estado de São Paulo com o estado de Minas Gerais, para a evasão dos trabalhadores. Com José Basílio realizei duas entrevistas, sempre com a participação de sua esposa, Aurora Felipe Basílio.<sup>29</sup>

Na primeira entrevista, José Basílio parecia agitado e nervoso. Esse estado ânimo esteve presente em boa parte do tempo, enquanto falava do levante comunista, motivado que estava pela questão inicial elaborada por mim a propósito de suas memórias sobre o movimento de trabalhadores de 1949. O motivo talvez resida no desconforto de José Basílio ao significar como trágica essa vivência. Além disso, pode-se considerar o fato de que a entrevista gravada constitua evento que propicie esses sentimentos em muitas pessoas não habituadas à concessão de entrevistas. No caso de José Basílio, é provável que os dois motivos tenham atuado em seu estado de ânimo.

A segunda entrevista com José Basílio tratou de algumas questões que emergiram da problematização da primeira entrevista, como, por exemplo, sua trajetória de vida e uma questão pontual sobre a relação entre a luta pela reforma agrária hoje e o movimento dos trabalhadores de 1949. Essa questão foi elaborada após o relato sobre sua experiência enquanto proprietário de terra em Marabá, estado do Pará, e sobre as ameaças de ocupação dos sem-terra, fato que o entrevistado utilizou como justificativa para a venda da propriedade. Os 1700 alqueires foram adquiridos em sociedade familiar e coube a José Basílio a administração da área de 1974 a 1986. Analisando as duas entrevistas, concluí que, não fosse a questão elaborada pelo entrevistador, a relação entre as duas experiências sociais de luta pela terra não seria estabelecida. No caso de José Basílio, a relação foi “forçada”, efêmera e evasiva, impelida pela pergunta do entrevistador. A questão agrária e a luta pela reforma agrária também não aparecem de forma circunstanciada como ocorreu em outras entrevistas, sem que fosse preciso a formulação da indagação pelo entrevistador sobre a associação entre o movimento dos trabalhadores de 1949 e a luta dos sem-terra hoje.

---

<sup>29</sup> A primeira entrevista com José Basílio foi realizada em 02/05/2006 e a segunda entrevista realizada em 27/02/2007. Ver observações.

O fato de ter sido coagido a dirigir o caminhão para os trabalhadores, nas circunstâncias em que isto ocorreu, parece ter se tornado uma experiência traumática na vida de José Basílio. Motivado a narrar a partir da pergunta sobre suas memórias relacionadas ao movimento de 1949, o relato começa da seguinte forma:

José Basílio: Foi é em 1949, que o cê está dizendo? Eu não tenho bem certeza... (risos).

Vagner: Tudo bem...

José Basílio: Mas foi em 49, então vamos dizê. Então... morava em Guarani d'Oeste, meu finado avó, fundador da vila lá do Guarani. Ele mais o Antônio Lira. E meu pai tinha um bar e sorveteria lá, que tinha posto na esquina lá no Guarani. Aí aconteceu esse levante comunista, aconteceu o seguinte, o pessoal foi pra Populina, começaram a encrenca em Populina. Quer dizer, que eles foram desarmando o pessoal por ali, tomando carabina, bala, aquelas coisera toda, porque sabia quem tinha carabina e quem não tinha. Foi tomando e chegô em Populina tinha uma quermesse lá, uma festa. Aí fizeram aquele bafafá lá no coreto lá de Populina e o povão correu com medo, assombrado, todo mundo armado subiram no coreto com carabina, com coisera, o povão caiu fora. Aí eles foram lá no hotel acordá o Nelson (Anselmo Vetucci era o nome correto do motorista), que era chofer do ônibus da empresa do Mantovani, ônibus não, naquele tempo era jardineira, né. Do Mantovani, aí fizeram o Nelson trazê-los em Fernandópolis. Diziam que vinha aqui em Fernandópolis para tomá a prefeitura, que naquele tempo aqui não tinha nada, só tinha a prefeitura e a delegacia. A delegacia era ali onde é o supermercado, onde é o Supermercado Sakashita lá, que é hoje...

Vagner: Ah, sei...

José Basílio: Então, tinha um predinho de andar lá, embaixo era três salas de um lado e três salas de outro, que era a cadeia, e em cima a delegacia. Aí diz que vinha tomá a delegacia porque tinha que tomá uma rádio patrulha, né. E tomá a prefeitura que eles tomavam conta da situação. Naquele tempo não tinha telefone, não tinha nada. Então, foi aconteceu isso aí. Aí na saída de Populina eles vieram e passaram por Guarani, mas nós não vimos, tava todo mundo dormindo, eles passaram quietos e vieram embora. Aí no

Caxi, naquele tempo não chamava Caxi, era, tinha uma venda lá e era a venda do Zé Honório. Então se falaram: “Vamo pará aqui na venda.” Fizeram o chofer, pará a jardineira, ônibus, a jardineira para ali e desceram aí foi lá bateram na porta pô Zé Honório abri e vendê uma cachaça pra eles, bebida. E o Zé Honório, como era meio metidinho a valente, ele era bate-pau, naquele tempo falava bate-pau, inspetor de quarteirão, eles nomeava um cara pra sê um tipo de um delegadinho, um polícia nas vila, então nós punha esse apelido de bate-pau, inspetor de quarteirão, essa coisa, né. Então, Zé Honório era desses daí, metido a prende os outros, essas coisa. Aí eles falaram lá, gritaram, e Zé Honório falou: “Não vou vendê pinga pra vagabundo nessa hora”, né. E aí já deu um tiro lá dentro pra fora pra assombrá eles. Não sabia quantos eles tava e nem comê que estado que eles estavam. Aí meteram bala na venda do Zé Honório, né. Na porta, né, atiraram e furaram balança, furaram uma pia de bacia que tinha. Então, fizeram um sarceiro. E o Zé Honório grito pelo amor de Deus pra eles pará que ele ia abri a porta. E aí abriu, abriu a porta eles entraram, tudo conhecido! Entraram, tomaram, beberam, comeram lá as coisa que tinha e vieram pra Fernandópolis. Diz que vinha com a intenção de tomá a delegacia e a prefeitura. Porque era o único meio de comunicação, porque a delegacia tinha a rádio-patrolha, né, então podia comunicá. E eles tomando aquilo tava meio seguro. E a prefeitura não sei o porquê eles queriam tomá. Aí... vieram, saíram do Zé Honório e vieram pra cá. Chegando aqui já tava meio, uma hora mais ou menos, duas horas da madrugada, e tinha um tal de Zé Cearense aqui, que era o chefe, comunista roxo; já morreu também. E esse Zé Cearense foi espera eles lá na saída da Capivara....

Vagner: Capivara é ali pra onde vai pra Guarani?

José Basílio: É, que vai lá pra o Guarani, né. Pra o Ubirajara hoje, ali. Onde tinha a máquina do Del Grossi, por ali assim, é que o Zé Cearense estava esperando eles. Aí quando a jardineira chegou o Zé Cearense falou: “Gente, é bom cêis voltá porque a turma de Estrela não veio como nós combinamos, né, é bom cêis voltá que nós, que só nosso time não vai da conta.” Eles tava nuns vinte mais na jardineira. Aí, “é bom cêis voltá que nós não vamo dar conta do recado aqui. Precisamos deixá pra outra vez, que a turma de Estrela mancô e não compareceu.” Aí eles voltaram, mas aí contaram pro

Zé Cearense: “mas nós já fez isso, já fez aquilo, mas agora nós já tá perdido, nós vamo lá pra Cachoeira dos Índios, nós vamo”, porque o Adhemar de Barros estava construindo lá um cassino ou já tinha construído, não me lembro bem, “aí vamos lá pra Cachoeira dos Índios, que o Adhemar de Barros tá lá e o Libero tá lá”, que o Libero era prefeito daqui, “aí nós vamo lá, vamo matá o Libero e o Adhemar de Barros”. Que eles estavam irado com o negócio, porque o Adhemar de Barros acho que fez, traiu os comunistas naquela época, não sei se o senhor lembra?

Vagner: Não, não...

José Basílio: Teve um negócio lá dos comunistas que o Adhemar de Barros na eleição falou que ia fazê o que eles queria, né?

Vagner: Certo...

José Basílio: Então eles penderam e votaram no Adhemar. E o Adhemar com o cartaz lá, não sei como ele conseguiu e pegou o título do registro dos comunistas, dizem, não sei também, e rasgou o título do partido. Então cabo com o comunismo. Aí foi que eles ficaram com raiva e pra se vingá começaram com esses troço aí. Aí... foi... é. Aí foi... vieram aqui, que eu tava dizendo.... Pensa bem aqui.... Aí voltaram, não conseguiram nada, voltaram, que o Zé Cearense recomendô que eles voltassem. Aí eles voltaram. Quando chegou lá em Guarani d'Oeste e o chofer da jardineira falou: “Ô, a gasolina tá cabando, não posso levá vocês mais pra frente, que a gasolina aqui tá cabando.” Aí ele falou: “Não, mas nós dá um jeito lá em Guarani”. Aí chegou lá no Guarani d'Oeste, meu pai tinha bar e sorveteria, e era o bar do ponto, então tinha que abri o boteco lá pra atende o pessoal que vinha na jardineira, porque o ônibus passava ali umas seis e meia, sete hora, no Guarani, né. Aí o papai tinha que fritá pastéis, coxinha, aquelas coisa, e tava ali arrumando o bar e eu tava deitado ainda dormindo. Aí chegô esse bando de comunista lá. Eles tava em dezesseis, aí uns quatro ficou para trás, que não quis participá, resolveram dispersá e saiu da turma e foi dezesseis lá. Inclusive nesses dezesseis tinha um preto, um tal de Au, Aureliano, ele até foi pedreiro nosso lá e amigão. Aí chegaram lá...

Vagner: Era de onde esse Aureliano, era de Guarani d'Oeste?

José Basílio: De Guarani. Aí chegaram lá no bar, o Aureliano chegô e falô: “Oi”, pro meu pai. “Cadê o Zé?” Meu pai falô: “O Zé

tá dormindo.” “A, nós precisa dele aí.” Meu pai falô: “Mais pra que cêis precisa dele?” “Pra ele levá nós aí porque tê, tê, tê, tê coisa, coisa” Aquele povão já tava dentro do bar e sorveteira lá. Aí meu pai falô: “Mas o que, nas costas? Ele não tem condução, ele não tem nada?” “Não, o Guerino tem um caminhão lá, ele ensinô o Guerino a guiá, e o Guerino foi lá e a mulher do Guerino está em trabalho de parto lá, e nós olhamo pelo burquinho da parede lá, e vimo que ele não tava mentindo, ele pediu pelo amor de Deus pra nós não conversá alto, não falá nada, mas que o caminhão ele entregava pô Zé ir pra onde quisesse! E o tanque tá cheio, e não sei o que, não sei o que.” Meu pai falô: “Óia, o menino tá dormindo, rapaz.” “Não tem nada que tá dormindo não, vamos acordá ele.” Enfiou a cara lá pra dentro, ele conhecia minha casa, porque era pedreiro, era gente de casa lá. Aí entrô lá dentro com a carabina e me cutucando a barriga lá í: “Acorda rapaz, vamo levá nós, não sei o que...” Eu falei: “Mas levá que jeito sô?” “Não, o caminhão do Guerino tá lá e é pra você pegá o caminhão e levá nós. E vamo embora que nós tá atrasado, que o trem tá, que o dia tá amanhecendo e nós não pode ficá aqui. Nós vamo lá na Cachoeira pra matá o Libero, matá o Adhemar de Barros e não sei o quê, não sei o que!”

Vagner: Eles falavam isso?

José Basílio: Ham?

Vagner: Eles falavam isso?

José Basílio: É! Aí eu peguei, levantei, fui lavá a cara, não deixô. “Vamo embora, vamo embora! Não tem nada que lavá a cara, não” (Mudança no tom da voz). Lá vai eu, fui passa no bar, falei: “Vou pegar um maço de cigarro”. Naquele tempo eu fumava i... “Não tem nem que pegá cigarro, vamo embora, vamo embora”. Eu peguei e falei: “Caramba!”. Aí descí, meu pai já mei desconfiado, ali mei triste, aí eu sai do boteco assim, tinha um degrau pra desce, eu descí aí ele falô, eu ia indo buscá o caminhão, o Guerino morava uns três quarteirão pra baixo, era uma vilinha pequeninha, oito ou dez casa, ele morava lá em baixo. Aí eu fui lá buscá esse caminhão, quando eu ia saindo e falei, pensando, né: “Eu vou dá um cano nesse cara, eu vou pegá esse caminhão e ó (sinalizou) pra outro canto e largá eles aí.” Mas pensando. Aí quando eu saí, não dei muitos passo, eu vi quando ele falo: “Mas se vai deixá o menino í sozinho? Vai atrás. Não pode deixá ele sozinho de jeito nenhum,



vai fulano e sicrano.” Aí um com a carabina de um lado, o outro do outro lado e eu no meio dos dois. E eu falei: “Agora não tem mais jeito.” Aí fui lá, peguei esse caminhão, vim, eles embarcaram nesse caminhão e nós saímos, sentido Indiaporã. Naquele tempo acho que chamava Indianópolis, não era Indiaporã. E lá vai eu pra Indianópolis. Aí chegou numa altura lá, e o cara na frente comigo! Do Guarani até a Indiaporã ou Indianópolis tinha dezesseis porteira pra abri... Naquele tempo era estradinha estreita, apertadinha, aí eu fui... Lá vai eu com esse pessoal em cima e o cara com a carabina na minha barriga, me esfolando a barriga, e falando...

Vagner: E fazia isso mesmo? Colocava a ca?

José Basílio: É, não, e “vai mais depressa, mais devagar e cuidado!” Não sei o que! Eu parava pra abri a porteira, eu não descia não, quem descia era os de cima do caminhão, da cabine não descia não. E eu ia me segurando. E eu falo, pensando: “Vou mete esse caminhão num barranco, tomba esse caminhão (risos), acabá com isso.” Mas pensei bem, e vamo ver, vamo tocá mais um pouco. Aí fui, foi, chego lá diante, lá numa entrada que tinha lá que passava uma estrada cruzando, ia lá prum tar de Carmona, lá na beira do rio, rio Grande. Aí chegou lá naquela encruzilhada, dentro dum mato, eles falô: “Para aí.” Eu parei. Aí desceu oito... deles ali. Desceram ali e conversaram, conversaram lá, tal, umas coisa eu ouvia outras não. Mas aí eu ouvi quando o caminhão foi saindo: “Vocês ficam lá, cêis esperam lá no lugá que nós marcamo... Lá nós encontra. Nós vamo tocá mais um pouco.” Aí toco mais um pouco, mais uns dois quilômetro e mandô eu pará outra vez. Eu parei e aí desceram o resto. Desceram e falaram pra mim: “Cê vira esse caminhão e se abri a boca, nós vamo procurá onde cê tive, nós ti mata, cê não tem que abri a boca pra contá nada pra ninguém.” “Tá bom.” Aí foi, eu peguei... eles desceram e aí eu falei: “I agora como é que eu vou fazê?” Pra virá esse caminhão, era no mei de uma areia. Ele falo: “Cê vira.” Mas eu falei: “Mas aqui não tem jeito, vou virá esse caminhão nesse areão aqui. Pra saí pra frente não sei se vou consegui.” “Não, se vira e volta. Pode tocá um pouquinho pra frente, mas você vira esse caminhão e volta!”<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> José Basílio. Entrevista realizada pelo autor em 02/05/2006. Ver observações.

O extenso trecho da entrevista transcrita acima não foi citado sem hesitação. No entanto, a subjetividade expressa na narrativa e os sentidos construídos para o acontecimento perderiam a sua força se o relato fosse fragmentado. A entrevista de José Basílio é representativa de uma experiência vivida e de uma versão construída para o movimento dos trabalhadores de junho de 1949.

Logo no início do relato, José Basílio desconfia do enunciado da questão que motiva o início da entrevista e indaga se eu estou correto na formulação, invertendo a relação pesquisador e entrevistado. O questionamento de José Basílio parece não se limitar ao ano de 1949, mas também a algo que, na transcrição da pergunta, aparece após a menção sobre as suas memórias a propósito do levante comunista: “a luta pela terra que ocorreu em 1949?”, questiona, informando a perspectiva da qual partiu o pesquisador para o diálogo.

Um pouco depois, em sua formulação inicial, José Basílio adota um procedimento narrativo que corrobora os sentidos cogitados para a narrativa construída. Assim, não está informando apenas a sua residência na cidade cujo avô foi o fundador, mas me instruindo em relação ao fato de que ele pertence a um grupo de sujeitos que vieram para Fernandópolis enquanto “pioneiros” que “desbravaram esse sertão” – a narrativa histórica do “progresso” que fundamenta a versão hegemônica para a “história da cidade” (no período, Guarani D’Oeste pertencia ao município de Fernandópolis). Se, no momento inicial, coloca em dúvida sua própria memória sobre o acontecimento de 1949, em seguida informa como circunstanciou e como operou o trabalho de construção da memória oral narrada.

Os acontecimentos tratados no trecho da entrevista citado foram narrados por José Basílio para o inquérito policial e para o processo criminal,<sup>31</sup> mas o testemunho, nesses documentos,

---

<sup>31</sup> PROCESSO CRIME, n. 140, de 23 de agosto de 1949, p. 43 e 469. Tanto nas declarações que prestou para o inquérito policial quanto para o processo criminal José Basílio informa que o número de trabalhadores que transportou no caminhão era de 6 ou 7 pessoas. Os demais trabalhadores desceram do caminhão antes de chegar a Guarani D’Oeste.

passou pelo filtro dos agentes policiais e da Justiça, sem as minúcias da descrição detalhada da narrativa oral. O relato foi organizado a partir do padrão temporal dos acontecimentos e não a partir do momento em que José Basílio se viu obrigado a dirigir o caminhão para os trabalhadores. A continuidade da narrativa relata seu envolvimento até o momento do depoimento para o processo criminal, incluindo o fato de ter sido motorista para a polícia nas suas diversas diligências à procura dos trabalhadores envolvidos.

A narrativa de José Basílio também enfatiza a verdade contida nos acontecimentos narrados: “falei a verdade, aí eu contei tudo”, “Só manjando eu e eu falando a verdade”, “falei a verdade, o que tinha acontecido, eu falei”. Esse procedimento narrativo marcou e regulou a entrevista, corroboradas pelo ponto de vista circunscrito das narrativas: “Eu não tenho bem certeza”. Todavia, José Basílio insere em sua narrativa fatos não vivenciados cujo relato se baseia no “ouviu dizer”, nos diálogos travados com outros sujeitos. Esse procedimento de incorporação na narrativa de fatos e de “informações” vivenciadas por outros sujeitos ou por “ouvir falar” – quase como um narrador onisciente,<sup>32</sup> que acompanha o transcorrer dos acontecimentos de um lugar estratégico que a tudo vê – foram procedimentos utilizados nos depoimentos e testemunhos para a montagem do inquérito policial e do processo criminal e autenticados como verdadeiros e, assim, como prova criminal.

O movimento dos trabalhadores foi circunstanciado, quebrou a rotina e desorganizou, a partir da perspectiva de José Basílio, a “tranquilidade” da vida diária: em Populina, atrapalharam a quermesse (ou festa junina) e amedrontaram a população local; em Caxi, tiraram José Honório da tranquilidade de seu sono e, além disso, alvejaram sua casa e bar; seu pai estava nos afazeres diários no bar e sorveteria quando os trabalhadores chegaram; quanto a ele mesmo, estava dormindo.

O sentido atribuído ao movimento, formulado por José Basílio no presente, está muito próximo da memória hegemônica

---

<sup>32</sup> PORTELLI, A, 1996, passim.

produzida e difundida no social. A preocupação em desvencilhar acontecimento por acontecimento, como fundamento e procedimento para uma narrativa verdadeira, constitui a perspectiva e os contornos do ato interpretativo produzido na entrevista, procedimento próprio dos autos do DOPS e da Justiça. É provável que os testemunhos prestados naquela época, bem como a forma como foram conduzidos, tenham marcado a forma de narrar de José Basílio.

A versão expressa na narrativa de José Basílio para o movimento dos trabalhadores de junho de 1949 é construída a partir de adjetivos que denotam uma determinada identidade para os trabalhadores e para o movimento. Essa memória pode ser percebida na nomeação do movimento de “encrenca” e na indicação de que o “povão correu com medo, assombrado”, quando os trabalhadores anunciaram, no coreto da praça central de Populina, que estavam iniciando a “revolução agrária e comunista” no Brasil.<sup>33</sup>

Na narrativa é enfatizado que os trabalhadores portavam armas e que desenvolveram diversas ações no deslocamento de Populina a Fernandópolis até serem dissuadidos por Zé Cearense de ocuparem a cidade, tomarem a prefeitura e a delegacia de polícia. Por diversas vezes, José Basílio destaca que, diante do fracasso de ocupação da cidade, os trabalhadores intentavam assassinar o prefeito de Fernandópolis, Libero de Almeida Silves, e o governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros. O assassinato do prefeito é justificado em razão deste ser um desafeto político dos comunistas locais e o assassinato do governador em função deste ter “cassado o registro do Partido Comunista” e traído os comunistas após a eleição. Muitos materiais pecebistas elaboraram a mesma avaliação para o último caso, a traição política de Adhemar de Barros após sua eleição para governador.

---

<sup>33</sup> Os diversos testemunhos colhidos para o inquérito policial afirmam que os trabalhadores, além de anunciar a “revolução agrária e comunista”, gritaram “vivas” à “Rússia comunista”, Cf. Cf. DELEGACIA DE POLÍCIA DE FERNANDÓPOLIS. Prontuário 747 de José Honório da Silva e outros. 25/06/1949.

A distorção marca as narrativas sobre o movimento dos trabalhadores de junho de 1949. A distância entre o evento e a narrativa construída por José Basílio evidencia o processo histórico e social de construção de memórias e dos significados atribuídos ao movimento social dos trabalhadores. De fato, naquele momento os conflitos e o acirramento do debate em torno da cassação do registro do partido e dos mandatos parlamentares do PCB movimentavam a militância política. Entretanto, a utilização desse argumento, que identifica como pressão para os eventos de junho de 1949 apenas esses aspectos da militância comunista constitui em reducionismo histórico. A relação entre os movimentos sociais de trabalhadores aos contornos políticos da Guerra Fria foi explorado pelo DOPS e pela imprensa comercial e empresarial na disseminação da versão hegemônica para o movimento dos trabalhadores.<sup>34</sup>

Diante dessas formulações, algumas questões emergem da narrativa de José Basílio: Se o fato de chegar apenas um grupo na cidade motivou a avaliação dos trabalhadores de que o movimento havia fracassado, por que planejar e tornar público o intento de assassinar o prefeito e o governador? Qual seria a vantagem política para os trabalhadores, individualmente, e para o avanço político dos movimentos sociais na região, para o PCB, a declaração de que iriam assassinar o prefeito e o governador? Se, de fato, os trabalhadores afirmaram que iriam cometer esses assassinatos, ou melhor, executar a ação de eliminação dos representantes do capital e dos latifundiários na região e no estado, não é possível saber. As evidências deixam dúvidas quanto a esse fato. Por outro lado, com o fito de criminalizar policial e politicamente os trabalhadores e seus movimentos diversos de luta, a narrativa oral e outras evidências parecem informar a versão hegemônica para os fatos.

O processo de construção social de memórias é corroborado, consecutivamente, pela afirmação e disseminação de práticas sociais diversas e relacionados à produção de sentidos

---

<sup>34</sup> No terceiro capítulo da tese, discuto o trabalho da imprensa na construção da memória hegemônica sobre o levante comunista, Cf. MOREIRA, V. J., 2009.

hegemônicos para o movimento social dos trabalhadores. É a partir dessa perspectiva que, já naquele tempo, era possível compreender a exacerbação subjetiva da identidade comunista atribuída aos trabalhadores e aos movimentos sociais, pois no social estava sendo difundida a ideia de que qualquer movimento social organizado pelos trabalhadores constituía-se num movimento “subversivo”, associado ao comunismo internacional e à União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas (URSS).

Os diversos movimentos sociais de trabalhadores e, em particular, o movimento de trabalhadores de junho de 1949, com significados de um movimento de resolução da questão agrária e de luta pela terra, não constituem referência para a memória efetiva e dominante da cidade. Não é lembrado nas narrativas oficiais e sua referência como artigo no livro da “história da cidade” é extemporâneo e condescendente. Os trabalhadores que participaram desse movimento não têm “lugar” na memória da cidade.

As narrativas de Ana Zendron, de sua filha e de José Basílio permitiram problematizar as vivências dos trabalhadores e as disputas em torno da memória dos movimentos sociais dos trabalhadores na região de Fernandópolis e, assim, demonstrar as possibilidades dos usos da fonte oral à medida que privilegiamos as propriedades da evidência do material histórico produzido pelo historiador ou disponíveis em arquivos ou centros de documentação.